

Artigos Multitemáticos

A arte como desenvolvimento espiritual: a linguagem abstrata de Rui Chafes

Art as spiritual development: the abstract language of Rui Chafes

MARIA TERESA AMADO¹

Resumo: O artigo procura refletir sobre o papel transformador da arte e dos artistas, nos dias de hoje e no tempo futuro. Escolhemos como ponto de partida a obra de um relevante escultor português de vanguarda: Rui Chafes, desafiador de novos caminhos estéticos. É um escultor conceptual, do ferro e do fogo, que procura e aspira ao abstracionismo, enquanto nova linguagem e nova visão do mundo. O artista pensa densamente o seu trabalho, publicando regularmente textos sobre a sua obra, nas suas relações com a arte, a beleza e a vida.

A partir da sua biografia artística imaginária, *Entre o Céu e a Terra*, um pouco à maneira das Vidas de Vasari, começaremos por apresentar o universo estético e plástico do escultor. Para em seguida refletirmos como o seu original percurso de identidade se revela inspirador e enriquecedor.

Esta personagem imaginária que nasceu na Alemanha do século XIII absorveu a aspiração espiritual das formas góticas medievais e o sentido da natureza, do sublime e do espírito absoluto, próprios do romantismo alemão. Da sua longa experiência, destacamos a aprendizagem do valor da vida, o gosto pelo aqui e agora, ambos enraizados numa espessura de

Abstract: The paper aims to examine the transformative role of art and artists, today and in the future.

We have chosen as a starting point the work of a remarkable Portuguese sculptor at the leading edge: Rui Chafes, a challenger of new aesthetic paths. Chafes is a conceptual sculptor of iron and fire who seeks and aspires to abstractionism, as a novel language and a novel vision of the world. The artist thinks his work deeply, regularly publishing texts about his work and its connections with art, beauty and life.

From his imaginary artistic biography, *Between Heaven and Earth*, a bit like Vasari's *The Lives*, we will begin by presenting the sculptor's aesthetic and plastic universe. Then we will consider the way his unique identity path turns out to be inspiring and fulfilling.

This imaginary character, born in Germany in the 13th century, absorbed the spiritual medieval gothic shapes and the sense of nature, the sublime and the absolute spirit, peculiar to German Romanticism. From his long experience we highlight learning the value of life, and the love for here and now, both rooted in a density of experiences and memories; memories, places and times which interact

¹ CHAIA, CEHR, Universidade de Évora. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0001-6212-949X>.

vivências e de memórias; memórias, lugares e temporalidades, que interagem e dialogam com as suas esculturas – peças que sacralizam os espaços que habitam, como se neles sempre tivessem permanecido.

Para Rui Chafes o futuro humano depende da capacidade de incorporarmos a memória e o passado no presente, e, neste sentido, o seu projeto é o de uma aliança muito original e promissora entre tradição e modernidade.

Palavras-Chaves: Arte contemporânea; teoria de arte; estética; biografia.

1. Rui Chafes, um artista que aspira ao absoluto

A vivência de situações-limite é sem dúvida a experiência mais marcadamente humana: perante o mistério, a carência, a impossibilidade (física ou espiritual), vive-se a fragilidade da ausência, a dor do vazio. Talvez, como nenhuma outra, a experiência dos nossos limites iguala-nos na condição humana, nivela-nos interiormente; na relação com os outros e com a vida. As fragmentações, as rugas, as cicatrizes, perceptíveis ou íntimas, são memórias de identidade próprias de cada história. Grandes experiências, situações extremas, espirituais e/ou amorosas, de perda, de dor e destruição, mergulham o homem no mistério e tocam os abismos. Vivências que não permitem por vezes

and dialogue with his sculptures – works which cralise the spaces they inhabit as if they had always been part of them.

For Rui Chafes the future of humankind depends on our ability to incorporate memory and the past into the present, and in this sense his project is a very original and promising alliance between tradition and modernity.

Keywords: Contemporary art; art theory; aesthetics; biography.

a superação; no entanto, esses sinais-marcas são desafiadores da vontade de cada homem, agindo como impulsos da vida primordial; frações por agregar e reconstruir.

Este artigo pretende refletir sobre o papel transformador da arte e dos artistas nos dias de hoje e no tempo futuro. Aceitando nós o desafio, abre-se o caminho da liberdade e toca-se o horizonte da esperança.

Escolhemos como ponto de partida a obra de um relevante artista português de vanguarda: Rui Chafes². O escultor pensa sistematicamente sobre o trabalho artístico, publicando regularmente textos escritos com reflexões estéticas originais.

² Rui Chafes nasceu em Lisboa, em 1966. Depois de concluir o curso de Escultura na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa frequenta a Kunstakademie Düsseldorf, entre 1990 e 1992, onde é aluno do pintor abstracionista Gerhard Merz. O rigor, a pureza formal e o espírito analítico do Mestre, aliados à capacidade de um olhar estrutural e arquitetónico e a uma visão das obras interagindo no espaço, característicos da obra de Merz, marcarão decisivamente a formação e os trabalhos de Chafes. Nesse período, descobre ainda Novalis, cujo pensamento o deslumbra, e que passará a ser um pilar da sua mundividência. Durante a estadia na Alemanha, traduz *Fragmentos* do filósofo-poeta, seleção que ilustra e publica no regresso a Portugal, ainda em 1992. Chafes é um escultor com obra e renome internacionais. Das inúmeras distinções, destaca-se o Prémio Pessoa, com que foi galardoado em 2015.

Recorremos a um exemplo da arte atual, porque gostaríamos de questionar o papel da arte na vida, na nossa vida, e porque a estética e a cultura contemporâneas, embora nos aproximem de um muro de ausências, também gritam por reencontrar novos caminhos. E os caminhos já se intuem. Afirma Rui Chafes (2018: 86):

O que me interessa são os artistas que trazem dentro deles um mundo, que constroem um percurso concreto, forte, sólido, com um princípio, meio e fim, e uma profundidade de pensamento. O que me interessa é a profundidade, a relação entre o alto e o baixo, a verticalidade, a relação entre o céu e a terra.

2. A escultura de Rui Chafes: «restituir a verdade ao olhar»

Rui Chafes é um escultor do ferro e do fogo, que procura e aspira ao abstracionismo, enquanto nova linguagem e nova visão do mundo. Para o artista, a escultura é a possibilidade de mostrar um pensamento no espaço (Chafes, 2014: 19).

As suas obras destacam-se pela grande dimensão, pela verticalidade e pela cor negra. São objetos abstratos, corpos geométricos ou

orgânicos, de grande rigor e pureza, que dissimulam a materialidade do ferro e escondem o difícil processo de fundição siderúrgica. Transmitem-nos leveza e elevação: «peças que estão colocadas em suspensão, como se de uma suspensão se tratasse» (Chafes, 1993: 9). São esculturas de uma perfeição formal que se impõem no espaço, causam admiração, suspendem-nos e suspendem o tempo: «Quero para as esculturas um estatuto de ideia; para mim não existe arte se não houver essa ambição de criar um momento onde o tempo é suspenso». A sua secreta ambição é desmesurada: «parar o tempo» (Chafes, 2006: 105, 2014: 51).

A produção escrita acompanha a vida do artista e a totalidade do seu processo criativo. A escrita é uma via alquímica, uma necessidade permanente, quase obsessiva. O artista queima regularmente alguns dos seus apontamentos, guardando as cinzas em pesadas caixas de ferro. Considera as suas notas efémeras. Uma vez purificadas pelo fogo e reduzidas a cinzas, as notas são assimiladas por ele e a essência é integrada nas suas esculturas (Chafes, 2015: 19).³

==

³ Não sendo possível fotografar as esculturas de Rui Chafes, optámos por remeter a ilustração deste artigo para o *website* do escultor, com imagens de boa qualidade e resolução: <https://ruichafes.net/index.html>. Recorremos ainda a documentários em que o escultor fala sobre o seu trabalho, sintetizando ideias-chave, referidas em textos seus. Os filmes captam com rigor e precisão a linguagem e o universo poético de Chafes. A lenta sequência das imagens respeita a respiração espaçada que as peças vivem, liberta-nos emocionalmente, despertando a nossa emoção, ajuda-nos a aprender a «restituir alguma verdade ao olhar» (Chafes, 2006: 25). Cf. *Durante o fim* (2004), de João Trabuço, e *Durante o fim: Um percurso* (2009), de Pedro Aguiar e Luís Alves de Matos (<https://www.youtube.com/watch?v=Nc92SAMqyfs>); e ainda, *Viagem aos confins de um sítio onde nunca estive* (2014), de João Mário Grilo (<https://www.youtube.com/watch?v=DFBTkFTLONI>), a propósito da exposição O Peso do Paraíso (2014), no CAM – Fundação Calouste Gulbenkian.

Chafes é muito exigente consigo e com a sua escultura: «O mundo já tem suficientes objetos inúteis e sem razão para existirem [...]. Ser artista é ter uma bola de fogo nas mãos, sempre a arder, [...] com a responsabilidade de trazer *objetos impossíveis ao mundo*» (Chafes, 2015: 185).

As suas peças são continuamente pensadas e densamente acompanhadas pelo seu texto. O rigor da palavra e o poder de síntese parecem ganhar vida com os títulos das suas esculturas e crescer com a sua escrita. O peso e a densidade das obras advêm dos títulos penetrantes e desafiadores atribuídos por Rui Chafes. São um desafio aos limites e instalam em nós a inquietação. Contrariamente à tendência pós-moderna de não intitular as obras, o artista considera que os títulos funcionam como «janelas». Ele valoriza as possibilidades sugestivas de orientar o observador numa experiência conceptual e emocional da peça. Janelas que rasgam horizontes aos nossos olhos!

Recordemos alguns dos títulos dos seus livros e esculturas: *Sonho e morte*, 1993; *O lugar do poço*, 1997; *Durante o fim*, 2000; *O silêncio de...* 2006; *Entre o céu e a terra*, 2012; *Sob a pele*, 2015; e ainda, *Triste Europa*; *Quero tudo de ti*; *Eu sou o teu ontem e tu és o meu amanhã*; *O que faço quando não estás aqui*; *Sou como tu*, 2008; *Apaga-me os olhos*; *Alma prisão do corpo*, 2004; *Um sono profundo*; *Cura para as tuas feridas*; *O céu faz-se terra*, 2016; *O peso do paraíso*, 2014; *Desenho sem fim*, 2019; *Sonho lento*, 2004; *Entrada pela porta estreita*, 2011.

Embora inspirado pelas ideias estéticas de Ad Reinhardt⁴, sintetizadas nas *Doze regras para uma nova academia*⁵, Rui Chafes entende estes princípios como linhas orientadoras de percurso. São para ele vias de interiorização e de adoção, que permitem ao artista, individualmente, descobrir a expressividade da sua própria via autêntica. E, neste sentido, como veremos, a genealogia artística, o caminho percorrido pelo jovem escultor, é deveras estimulante: o seu itinerário de aprendizagem e de sedimentação, o modo como vira as costas

⁴ Na década de 50 do século passado, e até ao final da sua vida, Ad Reinhardt, com a série «Quadros pretos», atingiu a máxima depuração cromática e formal. Pintando sucessivas tonalidades de negro sobre formas negras, considerava que estes quadros eram «as últimas pinturas que se poderiam pintar», obras de arte no limite da radicalidade do abstracionismo geométrico. O negro, enquanto indefinido e ilimitado, ausência de luz, absorção da cor, da matéria e da densidade, parece ter fascinado o artista Rui Chafes, pois toda a sua escultura de maturidade corresponde a peças em ferro negro. Cf. Quintais, 2016: 64-68 e Serra, 2021: 178-184.

⁵ Em 1957, no seu manifesto, *Doze regras para uma nova academia*, Ad Reinhardt enuncia os princípios da nova arte: sem textura, sem pincelada ou caligrafia, sem desenho, sem forma, sem *design*, sem cor, sem luz, sem espaço, sem tempo, sem tamanho nem escala, sem movimento, sem temática nem símbolos. A arte abstrata é sempre não figurativa, não objetiva, não simbólica e não imagética. Nada tem que ver com o *design*, a ilustração, a arquitetura ou a escultura. A arte, ou a pintura, como pura ausência exige absoluta descentração e interioridade (Rose, 1991: 204). Em 1957, Ad Reinhardt lamentava que o abstracionismo, existente já há cerca de 50 anos, não progredisse nem em termos de escola nem enquanto visão do mundo e da arte. O mesmo se poderia dizer ainda hoje. Cf. Crespo, 2016: 21-38.

ao imediato, desagrega e junta fragmentos artísticos e culturais na elaboração da sua linguagem abstrata. Criando a sua identidade, ele revela-se inspirador e muito enriquecedor no atual contexto artístico e cultural.

Rui Chafes é um escultor abstrato, que absorveu a aspiração espiritual das formas góticas medievais e o sentido do sublime e do espírito absoluto, próprios do romantismo alemão. Tem plena consciência da aridez da sua via; e de quanto a sua vocação de artesão-artista requer um continuado e atento gosto pela observação da vida, pela reflexão e pela conseqüente depuração de palavras e de formas: «A ideia de redução, ligada à transcendência, que já vem dos ícones, é uma ideia fundamental para o meu trabalho» (Chafes, 2006: 93). «O despojamento puxa-nos para o centro, para a essência, ficamos entregues a nós próprios. Esse despojamento é uma aproximação do vazio, é um terreno a partir do qual se cria. O que me interessa é fazer uma arte muda» (Chafes, 2015: 54).⁶

Concretizando, nada melhor para compreender o universo estético e plástico de Rui Chafes do

que apresentar a sua própria biografia artística imaginária, *Entre o céu e a terra*, um pouco à maneira das *Vidas* de Vasari, acompanhada por reflexões mais recentes em *Rui Chafes: Sob a pele: Conversas com Sara António Matos*. Aliás, estas biografias artísticas merecem ser lidas como texto de reflexão sobre a espiritualidade na arte nos nossos dias.

3. *Entre o céu e a terra*

Rui Chafes nasceu na Alemanha, no século XIII. O artista declara-se filho de camponeses, com o dom do desenho e «salvo pelo milagre da arte»; «O que caracteriza um desenhador é a sua capacidade de olhar, [...] a base de toda a arte visual é o desenho, para mim é como respirar» (Chafes, 2014: 11, 2015: 122).

Apresenta-se como um peregrino num longo percurso de aprendizagem, desde as igrejas góticas até à verticalidade depurada das frágeis e vazias figuras de Alberto Giacometti, passando pela sublime genialidade de Bernini, num itinerário que oscila entre o espaço da Europa Central («o local da alma») e a ofuscante luz meridional da genialidade e do caos (Chafes, 2014: 16).⁷ Para ele há

⁶ O artista concretiza, com um exemplo simples e poético, o modo como caminha no lento processo de redução das formas: «transformar o ferro em leveza e transparência exige a observação minuciosa do voo de um pássaro e do seu movimento de asas no céu» (Chafes, 2018: 90).

⁷ Chafes considera Tilman Riemenschneider o seu Mestre (Tilman é um escultor alemão do final do gótico internacional, 1460-1531, que trabalhou sobretudo em pedra e em madeira, especializando-se em retábulos e na arte tumular). Com o italiano Jacopo della Quercia, nos inícios do século XV, aprendeu a possibilidade de pôr no mundo uma escultura válida. Em 1516, trabalhou com Giovanni di Giusto Betti, na Basílica S. Denis, nos túmulos de Luís XII e de Ana da Bretanha, e, com Germain Pilon, nos túmulos de Henrique II e de Catarina de Médicis. Depois, conhece Bernini: «o Sul é onde se exerce a arte de aceitar o caos como princípio criativo, se para tanto houver força, energia, saúde. Ansiando pelo silêncio íntimo que nos espera na bruma das florestas, voltei à Alemanha, que sempre foi

uma linguagem das formas que flui, que ele lentamente apreende e na qual participa, e que o vai orientando nas suas escolhas.

No caminho, descobriu, com Novalis, a importância da escrita, o valor da palavra no aprofundamento do sentido, o estreito vínculo entre a palavra e a forma. Com os ensinamentos de Novalis, Chafes sente na sua alma a «comunhão universal da razão com o sonho» (Chafes, 2014: 11). Tenta superar, como os românticos, o «conflito que existe entre o interior do nosso corpo e o Paraíso [...] a nossa condição de sonho entre o Céu e a Terra» (Chafes, 2014: 31). Aprendeu a ir ao fundo de si, unir os contrários, viver de antemão, antecipando com as suas esculturas o que ele chama «*o mistério do homem sonhador do mundo*» (Chafes, 2014: 31).

Por outras palavras, Chafes tem consciência de que vive entre dois absolutos: por um lado, a vida e a morte, por outro, a eternidade. Aspirando à eternidade, sente o constrangimento do precário, e, no entanto, fala de momentos de eternidade: «saber que se está a tomar parte, mesmo que ínfima, na criação de *um momento de eternidade*, de um momento em que a superfície da pedra ou da madeira

ficará para sempre ferida pela luminosa violência da perfeição» (Chafes, 2014: 19), eis como recorda a sua aprendizagem com o seu grande mestre Tilman Riemenschneider, o Mestre de Wurzburg.

3.1. «Implacável balanço entre o peso e a leveza»

Como se disse, o artista escolheu a linguagem das formas góticas e elegeu Tilman Riemenschneider como o seu principal modelo:

A arte medieval foi sempre a grande revelação para a minha escultura. Ao ver como estas esculturas são feitas, tento compreender como tudo é feito: não é só a escultura, é aprender tudo, *a perfeição e a leveza*. Sobretudo aprender a perfeição e a leveza. Com ele aprendi como o vento passa pelos cabelos e pelas roupas de pedra dos santos, se for soprado pelos olhos visionários de quem acredita *nos limites intemporais e permanentes da Escultura*. (Chafes, 2014: 19)

Inspirado nos modelos medievais, assimila-os, apurando o binómio perfeição-leveza, ideal que lhe permite aproximar matéria e espírito e que orientará a sua escultura. Implacável balanço entre o *peso e a leveza*. A sua via é a de procura entre estes dois absolutos.⁸

o local da alma, o nevoeiro, a falta de luz, nos prometem a existência de um mundo interior» (Chafes, 2014: 30).

⁸ Chafes imagina-se executando os cabelos e as mãos dos santos, tarefa que lhe deu «uma noção muito exata de como capturar a passagem do sopro (a Voz de Deus) na leveza dos cabelos e nas folhas das árvores e de como testemunhar a força desamparada e efémera dos batimentos do coração no interior de um corpo, essa outra forma da voz de Deus, a força que dá sentido a todos os gestos que as nossas mãos executam (ou assumem) ao longo da nossa passagem na terra» (Chafes, 2014: 21).

3.2 «O sopro que transforma o peso da matéria na leveza do espírito»

Sabemos a que nos referimos quando falamos de beleza e de arte, e o mesmo sucede a propósito de vocação, e, no entanto, quando tentamos verbalizá-las, as palavras mostram-se rudes, esfurelam o essencial. Chafes pensa, escreve e conversa largamente sobre a arte, a beleza e o seu trabalho de artista; recorrendo a uma linguagem poética, dá exemplos, conta histórias que são metáforas. A partir de excertos da sua obra escrita, tentaremos sistematizar as etapas do seu processo criativo:

- «Aprendi a lidar com os meus limites, com os limites da matéria, e a transformar esses limites numa marca da passagem do sopro, que transforma o peso da matéria, na leveza do espírito» (Chafes, 2014: 19). Esta é a profissão de fé de alguém que, com sonhos e propósitos arrojados, aceita os desafios da vida, colaborando com disponibilidade; que «toma a vida nas mãos», sem se deixar entorpecer e esvaçar pelo circunstancial de cada momento. Acreditando na Verdade da Arte, afirma: «[...] a arte é a minha religião. [...] A arte serve o absoluto. Existe alma em tudo o que é bem feito» (Chafes, 2014: 46, 50).

A sua escultura em continuidade com a vida torna-se uma forma de encontro entre a dor e a alegria, a morte e a vida, o visível e o invisível: «A arte é sobretudo o que se vê para além do que se vê» (Chafes, 2015: 124).

Consideramos que (também) em Rui Chafes a humildade é a sua primeira vocação. Alguém que afirma frequentemente estar na posição de aprendiz e de ouvinte, que colabora com os desafios da vida, vive numa atitude de humildade: «os artistas pagam o Mundo com a sua própria alma» (Chafes, 2015: 188).

Rui Chafes considera que o sopro espiritual está no interior. O artista, chegado a esse vazio interior, deseja-o e procura-o: «No vazio profundo só a ideia possui forma. O mais nobre que a arte pode fazer surgir é a imagem da ideia, a alegoria de Deus, e só a podemos encontrar dentro de nós» (Chafes, 2006: 41).

- Pode dizer-se que em Rui Chafes o *ato criador se inicia* pela disposição interior, pela escuta silenciosa e atenta e uma cuidadosa observação, até se intuir o «invisível», o sopro dos cabelos, ouvir a voz do Vento e o sussurrar do ferro:

[...] sigo uma linha de investigação, e durante o processo, deparo-me com fendas e encontro aberturas que me conduzem a novos caminhos. Mas esses encontros são imprevisíveis, podem surgir de uma luz projetada na parede... Prefiro dizer que são resultado de epifanias. Uma vez que penso o meu trabalho, não como expressão própria, mas enquanto veículo de Deus, sou conduzido por epifanias e não por motivações pessoais. (Chafes, 2015: 52)

Esta é uma afirmação radical para um artista de linguagem substancialmente contemporânea e abstrata do século XXI. Rejeita a ideia moderna de uma criatividade individualizada na primazia do ego do artista, para valorizar a riqueza dos sinais do mundo: «Eu acredito que algumas coisas me são transmitidas a partir do vento [...] o vento de que falo não está num lugar preciso; [...] nem sempre fala e não fala quando nós queremos». Se o artista permanecer em silêncio expectante, pode ouvir um murmúrio: «As vozes, se andares sempre a correr, não as ouves. Além disso temos de ser dignos dessas vozes!» (Chafes, 2015: 56).

Por mais que se tente esmiuçar, o ato criador é um mistério. Depois deste primeiro ato criativo, o artista vive uma grande pressão angustiante até concretizar e exteriorizar a obra. Chafes confessa: «as esculturas existem dentro de mim, mas ainda não estou na posição de as materializar. É uma situação estranha porque já sei como são, mas ainda não criei as condições certas, no meu íntimo, para as realizar» (Chafes, 2015: 57).

O processo criativo desenvolve-se com a aprendizagem do desenho e da arte das formas: «o mais importante na arte é a linha, é preciso desmassificar a massa. O desenho é o caminho mais direto e mais imediato entre o cérebro e a mão, o olhar e a mão, a alma e a mão» (Chafes, 2015: 119).

Só a lenta aprendizagem da arte das Formas, como conhecimento e respeito pelos artistas que ao longo dos séculos prepararam o caminho, permite a sedimentação. Assim se estabelece o vínculo entre o legado passado e a linguagem presente do artista: «*O tempo é o meu único amigo*» (Chafes, 2015: 119).

O processo concretiza-se e aperfeiçoa-se pela prática e destreza com os materiais. Chafes experimentou o trabalho em pedra, achando-o, porém, desajustado à sua linguagem, por se revelar um material demasiado primário e numa linha de monumentalidade escultórica contrária à sua. Depois, optou pela leveza das canas, mas as esculturas tornavam-se demasiado frágeis e efémeras. As canas são frágeis e quebradiças, não domáveis, não ajustáveis nem à sua personalidade nem à sua linguagem. O artista procurava um material com uma «natureza intrínseca» nobre e colaborante, sólido e domável. Finalmente encontrou-o, apaixonando-se pela alquimia do fogo e do ferro.

Descoberto o fogo, o ferro e o negro, o artista pode iniciar a elaboração da sua própria linguagem. O escultor trabalha arduamente os materiais, o processo é o de «dar passos consequentes no *atelier*, de avançar lentamente com os materiais e a sua natureza intrínseca» (Chafes, 2006: 112; 2015: 51).

Obras difíceis do ponto de vista da exigência conceptual, formal e técnica. Por vezes,

consideram que as suas peças obedecem a um trabalho minucioso e exato de arquitetura, mas, afirma Rui Chafes, embora o rigor técnico seja similar, o arquiteto resolve problemas, enquanto o artista põe problemas! «O meu trabalho requer um aspecto rigoroso também ao nível técnico e formal. [...] linhas bem definidas, volumes bem acabados, cor uniforme [...] perfeição levada ao limite, sem perder as limitações do humano, claro» (Chafes, 2015: 174).

Ouve, finalmente, a natureza intrínseca do material: «É preciso estar sozinho, fazer corpo com o ferro, ser um só entre corpo e mente» (Chafes, 2015: 170), e, mais uma vez, unir os contrários.

A simplicidade é uma árdua conquista, só com muito trabalho «se vai procurando ser cada vez mais simples e claro. Vai-se conseguindo limpar, depurar, laminar, e chegar cada vez mais perto do núcleo» (Chafes, 2015: 174). Neste sentido, recordemos a sua evolução, desde *Sonho e morte*, os suspensos cubos negros que ocuparam os espaços exteriores do Centro Cultural de Belém, em 1993, às *Tuas mãos*, exposição em conjunto com desenhos de Júlio Pomar, em 2016, até à recente exposição em diálogo com esculturas do seu Mestre

Alberto Giacometti, em 2018, em que o artista é convidado a terminar uma peça inacabada de Giacometti.⁹

O processo criativo aprofunda-se pela coesão do pensamento, dos valores e dos ideais através do que denomina um pensamento vertical. Para ele, a verticalidade é muito mais do que uma questão formal. Entende verticalidade, por oposição à horizontalidade, enquanto disposição interior, atitude de abertura e concentração, inteligência em deixar fluir, incorporando a essência da vida, numa mundivisão compacta, pensamentos «sem brechas nem frinchas, inteiros e sábios. Acredito em valores antigos e eternos, de forte consistência» (Chafes, 2018: 28). E acrescenta: «*Penso que é preciso ter bravura, nobreza e entrega, para ter acesso à beleza*» (Chafes, 2014: 42) – eis uma afirmação própria de um cavaleiro medieval, de um herói romântico, proferida, porém, por um artista dos nossos (novos) dias.¹⁰

O processo expande-se e partilha-se pela capacidade dialogante e silenciosa, de relação com os espaços envolventes em que se integra e em colaboração com outros artistas.

As suas esculturas são criadas e «nascem» para lugares específicos, geralmente espaços

⁹ Júlio Pomar e Rui Chafes, *Desenhar* (2016) e *Gris, Vide, Cris*: Rui Chafes, Alberto Giacometti (2018).

¹⁰ Chafes dá o exemplo de Giacometti, que conseguiu continuar a tradição europeia da verticalidade, abrindo furos na linguagem e apresentando apenas o vazio, a casca da figura humana: «Pelo contrário o pensamento horizontal é cheio de fragmentos, de buracos, de espaços ociosos, sem hierarquias. Tudo é válido e de qualquer maneira, é um *mix*. Esta questão não diz respeito à arte, diz respeito à nossa vida, tudo é horizontal, tudo está ao mesmo nível e tem o mesmo valor» (Chafes, 2018: 28, 97).

públicos, naturais ou históricos, com peso e grandeza, algumas igrejas, sobretudo antigas, obras que sacralizam os espaços que habitam, como se neles sempre tivessem permanecido (Chafes, 2015: 131)¹¹.

Há duas exposições individuais que merecem destaque, pela presença que as suas obras ganham nos espaços, pelo vínculo humano e cultural que as liga ao passado, revigorando a história e a identidade dos sítios: a primeira, em 2000, Durante o Fim, no Parque da Pena, e a segunda, em 2011, Entrada pela Porta Estreita, em Matera, uma antiquíssima cidade escavada na rocha, no Sul de Itália¹². As suas peças são uma presença atual que escuta a natureza, que a humaniza, incorporando uma temporalidade de longa duração, aparentemente muda.

Contrariamente, as suas peças perdem o «sopro», a «vida», quando são retiradas desses espaços (o artista opta por as guardar em caixas). Considera que os museus, cubos

brancos, são hospitais onde chegam peças órfãs, que perderam o seu sítio e o seu território (Chafes, 2015: 129).

Artista dialogante, Chafes prefere largamente a realização de encomendas ou exposições de grupo, pelo estímulo humano e artístico que o projeto envolve ou a que o obriga. O escultor vive desse caldo cultural, da história, da sedimentar cultura ocidental. Gosta de trabalhar e expor com artistas de outras áreas, como a pintura, a fotografia, a *performance*, o cinema, a dança, a música, a arquitetura. Permitem-lhe fazer aproximações a partir de outros ângulos, para pensar e compreender o seu próprio trabalho: «porque o vejo através da produção deles, ou do cruzamento de ambos. [...] para isso é necessário que os trabalhos dos artistas tenham fronteiras muito claras e definidas» (Chafes, 2015: 117).

Talvez porque a Arte é una, indivisível e por isso capta preferencialmente essa essência, «a escultura, a literatura, a arquitetura, a pintura,

¹¹ «É por isso que sempre me apaixonei por espaços como as igrejas rupestres de Matera ou o Criptopórtico de Coimbra, onde a pedra e a arquitetura milenar possuem uma potência catalisadora brutal. O meu trabalho sente-se em casa nesses lugares» (Chafes, 2015: 131).

¹² «Montar uma exposição do meu trabalho nas caves e igrejas rupestres de Matera foi um dos mais belos e intensos momentos de toda a minha carreira de escultor. Nesta cidade incrível de pedra silenciosa eu escutei as vozes imemoriais de todas as pessoas que a construíram e habitaram por tantos séculos. Entre elas, escutei também a pura e aguda lâmina das palavras de Paolo Pasolini [que aí rodou o filme *Evangelho Segundo S. Mateus*, em 1964], palavras a mim dirigidas do vale abrupto e profundo. Esta cidade permanece inalterada pelo tempo como se de uma escultura eterna se tratasse. Para um escultor, criar uma escultura no interior de um espaço que é uma enorme obra de arte em si mesma é um desafio terrível e uma terrível armadilha. No que me dizia respeito, o único modo possível era tentar fazer uma inversão do espaço, procurar o seu negativo como uma anti-escultura, uma verdadeira sombra. Escutei todas as vozes antigas, incluindo a do mais intenso e puro Jesus de Pier Paolo Pasolini. Elas guiaram-me através deste mundo interior levando-me através dos caminhos mais difíceis e estreitos, que são afinal os mais certos, até que cheguei a um espaço de silêncio onde os meus trabalhos de ferro negro se pudessem tornar em sombras de memórias impossíveis. Foi então que eu tive a certeza: este espaço estava à minha espera tanto quanto eu o procurava há décadas. Talvez desde o meu nascimento como escultor» (Chafes, 2013: 12).

etc., são apenas uma coisa: «IDEIA; FORMA; POESIA» (Chafes, 2006: 95).

Os projetos em que as suas peças dialogam com obras de outros artistas são sem dúvida os melhores. E, quando esses nomes são Giacometti ou Pomar, a sua escultura venera o Mestre ou esboça uma dança com o anfitrião.¹³

3.3 «Não quero que a minha matéria seja o ferro, quero que o ferro seja o vento»

Terminamos com as reflexões de Rui Chafes sobre a espiritualidade na Escultura. Na sua autobiografia, o escultor confronta a sua aprendizagem nas oficinas alemãs e nas do Sul da Europa, nomeadamente na oficina de Bernini. Reconhece no Mestre o Seu ímpar «prodígio de transformar a pedra, a matéria, em emoção, em energia, em leveza que contraria o peso, em vento», admitindo, no entanto, que essa sensualidade fugaz e prodigiosa beleza não era o tipo de arte que procurava¹⁴ (Chafes, 2014: 27-29). Bernini consegue com a sua genialidade encarcerar a vida numa escultura. Chafes quer transformar a escultura em vento

que traz vida. Ele quer ser um criador que enche a matéria de sopro, de espírito.

Para além do domínio técnico, a sua escultura, e originalidade, está no projeto, no sonho, no que Rui Chafes pede e espera da vida. Ponderando, refletindo sobre a sua escultura e obra escrita, as principais ideias que retemos são a Humildade e a Vida em Liberdade¹⁵.

Chafes tem pudor em falar da sua vida pessoal, quase nada se sabendo sobre ele, e, no entanto, revela uma enorme sensibilidade, a propósito do seu papel de pai, afirmando que os filhos

[...] trouxeram a própria vida. As crianças são a vida [...], uma dádiva que nos obriga a participar no mundo, a ser menos egoístas ou autocentrados. Dar ao mundo as crianças e às crianças o mundo. Partilhar sem pedir nada em troca, é o que melhor se aprende com as crianças [...]. Ensinar-lhes diariamente a poesia do mundo; ensinar-lhes a ter uma alma e não apenas um corpo. (Chafes, 2015: 181-185)

¹³ Cf. as imagens das exposições Júlio Pomar e Rui Chafes: Desenhar (<http://moldurascontemporaryart.blogspot.com/2015/10/julio-pomar-e-rui-chafes-desenhar.html>) e Gris, Vide, Cris: Descobrir o Invisível (<https://www.attitude-mag.com/PT/blog/exposicoes/2018-10-03-gris-vide-cris-descobrir-o-invisivel>).

¹⁴ «Trata-se do prodígio de transformar a pedra, a matéria, em emoção, em energia, em leveza que contraria o peso, em vento. Nunca tinha pensado ser possível que um corpo investido pela morte e imbuído do seu próprio trágico destino pudesse transformar-se à nossa frente, perante os nossos olhos, num vento carregado de sensualidade, de delicada sexualidade, de mórbida volúpia. Esta assombrosa energia produzia um efeito absolutamente esmagador em quem contemplava esta obra [...]» (Chafes, 2014: 29). Chafes refere-se à sublime escultura *Apolo e Dafne*, de Bernini. Cf. o vídeo *Bernini, Apollo and Daphne* (2016, 16 de dezembro) do canal Smarthistory: <https://www.youtube.com/watch?v=bdnPdZMZ9PU>.

¹⁵ «A verdadeira liberdade é justamente poder não ter, poder abdicar, renunciar, poder prescindir. Essa é que é a verdadeira liberdade, esse é que é o luxo, só alguns o podem ter? Quantos de nós nos podemos permitir dar simplesmente um passo ao lado? [...] e, ao abdicar do ego, todas as portas estão abertas» (Chafes, 2015: 94-95).

E, como já se disse, este respeito e atenção à vida acaba por estar bem presente na sua obra. Terminamos com a exposição Júlio Pomar e Rui Chafes: Desenhar, de 2016, dois anos antes do desaparecimento do Mestre¹⁶.

Chafes considera a exposição no *atelier* de Júlio Pomar uma espécie de dueto: as obras dos dois artistas encontram-se e valorizam-se pelas diferenças, tentando estabelecer um equilíbrio válido entre as inquietações de ambos (Chafes, 2015: 116). O escultor considera a exposição mais um passo no seu caminho de maior leveza e de poesia. As duas peças explicitamente concebidas, *As tuas mãos* e *Penugem*, devem ser vistas como linhas, linhas de sombra tridimensionais, linhas que se destacam do fundo e não têm chão: «São desenho no espaço, são gestos, que transportam consigo o relâmpago do olhar e incendeiam o cérebro» (Chafes, 2015: 118).

As peças suspensas não se afirmam pela massa ou pelo volume escultórico, mas pelo traço ou recorte no espaço, porque o mesmo traço está também no trabalho de Júlio Pomar, que é um desenhador. *As tuas mãos*, «traços de pincel, no espaço, rastros de tantos gestos que as mãos percorrem», dialogam espacialmente com os desenhos *Abraçar*, de Pomar, uma dança, de

grande leveza e erotismo. Comparando estas obras, que têm como fundo os desenhos de Pomar, com as esculturas *As tuas mãos* e *Flor da noite* expostas individualmente «num cubo branco» na Alemanha, em 2013¹⁷, percebemos quanto a linguagem formal abstrata de Rui Chafes é dialogante e aberta. Vive de contextos e exige interlocutores e comunicação. Como escreveu Luigi Verdi (2020): «porque o amor é dança entre finito e infinito, entre aquilo que chegamos a compreender e aquilo que nos escapa».

4. Conclusão: «Alcança-se tanto quanto se espera» (João da Cruz)

- Chafes é um artista conceptual, que se exprime através de uma linguagem abstrata, de formas rigorosas e depuradas que dissecam, à procura do nuclear do espaço, do tempo, ou do vazio: «quero para as esculturas um estatuto de ideia» (Chafes, 2006: 105).

Pelo contrário, quando o artista produz obras figurativas, representações de objetos ou de animais, a materialidade das peças subjuga-as. Torna-as prisioneiras da resistência impositiva de um referencial de configurações demasiado particulares e fechadas que sufocam a poética libertadora das formas.

¹⁶ As imagens da exposição Júlio Pomar e Rui Chafes: Desenhar estão, uma vez mais, disponíveis em: <http://moldurascontemporaryart.blogspot.com/2015/10/julio-pomar-e-rui-chafes-desenhar.html>.

¹⁷ *Deine Hande* (*As tuas mãos*) e *Nachtblume* (*Flor da noite*), de 2013, podem ser vistas no *website* do artista: <https://ruichafes.net/index.html>.

Ao desafiar o peso da matéria com a redução de linhas e de formas, as obras de Chafes permitem intuir quanto a linguagem geométrica é universal, quanto as formas primordiais acordam em nós arquétipos. No entanto, este seu abstracionismo não está desligado do concreto da vida; para o artista, a vida é o território da ideia. Rui Chafes dá primazia ao sopro que flui, num sinal de reconhecimento pela vida recebida. A sua estética e a sua arte procedem deste sentido de dádiva e de afeto. Manifesta-se na essencialidade enquanto dor e cura (*Cura para as tuas feridas*), sonho e morte (*Um sono profundo, Sonho e morte*) e, sobretudo, na relação do eu com o tu (*Quero tudo de ti; Eu sou o teu ontem e tu és o meu amanhã*). O Artista procura a comunicação, o dialogar com as pessoas, com a natureza, nos espaços que ganham assim nova identidade. As esculturas de Chafes chamam a atenção para a história de uma humanidade encarnada, com um longo caminho de aprendizagem e de vivências.

A sua escultura é uma obra silenciosa, nuclear-misteriosa, interior, mas que não se fecha; que se alarga, que se expande. E solitária: «No atelier estou sozinho. Ou sozinho com Deus» (Chafes, 2015: 171).

- As suas obras são tendencialmente verticais, integradas em ambientes austeros, sejam naturais ou espaços religiosos, de forte identi-

dade e memória, absorvem as marcas da vida e do tempo, comunicando uma presença viva e uma intemporalidade, revelam como o infinito está na vida. As esculturas, em que os títulos são um elemento orgânico, predispõem à contemplação. «Aproximar as coisas que nunca foram aproximadas e que não pareciam predispostas a sê-lo», é a via de Chafes, citando Robert Bresson (2003) (cineasta que tanto admira e o influencia).

Este desígnio (próprio) do sonho e da poética, desafiador das artes e das suas linguagens, adequa-se à disposição interior de Rui Chafes e concretiza-se nas suas pinturas e esculturas. Para o artista, o futuro humano depende da capacidade de incorporarmos a memória e o passado no presente, e, neste sentido, o seu projeto é o de uma aliança muito original e promissora entre tradição e modernidade. Já afirmámos que o artista tem qualidades de arquiteto, também as revela pela forma como, através do espaço, respira e absorve demoradamente o tempo, a natureza, a cultura e a história – ele próprio se considera uma árvore de longas raízes: «o tempo é o meu único amigo» (Chafes, 2015: 119).

Uma vez assimilado esse longo processo, as obras revelam a continuidade dessa herança, que ele devolve com novidade, com acréscimo. As suas esculturas não evitam as feridas e os desertos, as marcas de dor, no entanto,

são impelidas «num movimento de ascensão» e de esperança.¹⁸

- A sua obra revela bem quanto a arte é uma continuidade da pessoa. Como exige aprendizagem, experiência de vida, memórias e a depuração dessas vivências. Esculturas, maiores que o seu autor, que ao longo dos anos permanecem misteriosas e resistentes, inclusive para o artista-criador (Chafes, 2015: 84-85). Rui Chafes considera essas inquietantes peças magníficas, as melhores: «acredito no poder da incompreensão», citando Rilke! Serão entendidas na velhice, quando o artista atingir maturidade para intuir o sentido unitário da sua criação.
- *O peso da coragem*: os seus escritos ensinam a importância de se viver plenamente com afetos e com ideais, o valor da ética e da fidelidade; sublinham a necessidade do trabalho artístico disciplinado, do valor da experiência e da sabedoria, até ao abeirar-se da «Entrada» do abstracionismo. O que quer da arte? «Tudo, quando se é exigente com o que se faz, quer-se tudo», frase com que termina um dos seus livros (Chafes, 2015: 188).

==

¹⁸ «O que é exato e rigoroso nunca pode ser pessimista. Acredito plenamente na capacidade dos homens retomarem o que perderam. O artista tem um papel ético, o homem não pode sobreviver sem esperança e sem dignidade. Os artistas com a sua consciência peculiar do tempo e do mundo, veem as coisas mais cedo. Tenho de acreditar nisso ou não terá nenhum sentido, para mim fazer arte» (Chafes, 2006: 159). Cf. Martins (2016, 19 de maio).

Bibliografia

Impressa

- Bresson, R. (2003). *Notas sobre o cinematógrafo*. Porto Editora. Porto;
- Chafes, R. (1993). *Sonho e morte*. Centro Cultural de Belém. Lisboa;
- Chafes, R. (2006). *O silêncio de...* Assírio & Alvim. Lisboa;
- Chafes, R. (2012). *Entre o céu e a terra*. Documenta. Lisboa;
- Chafes, R. (2012). *Rui Chafes sassi di Matera: Entrate per la porta stretta*. Edizioni Z. Milão;
- Chafes, R. (2015). *Rui Chafes: Sob a pele: Conversas com Sara Matos*. Documenta. Lisboa;
- Chafes, R. (2016). *Júlio Pomar e Rui Chafes: Desenhar*. Atelier-Museu Júlio Pomar, Lisboa.
- Chafes, R. e Giacometti, A. (2018). *Rui Chafes e Alberto Giacometti: Gris, vide, cris*. (Trad. Elisabeth Monteiro e Sacha Zilberfarb). Fundação Calouste Gulbenkian. Paris;
- Rose, B. (1991). *Art-as-Art: Selected Writings*. University of California Press. Los Angeles;

Digital

- Crespo, N. (2016). Ser pontual num encontro que só pode falhar. Notas sobre a contemporaneidade do artista. *Revista Poiésis*, **76**: 21-38. Acedido a 7 de maio de 2021, em <http://www.poesis.uff.br/p27/p27-6-dossie-1-nuno-crespo.pdf>;
- Lino, J.P. (2013). *Rui Chafes: A escultura como sopro*. Dissertação de Mestrado em Escultura. Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa. Lisboa: 170 pp. Acedido a 7 de maio de 2021, em <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/11469>;

Martins, R.J. (2016, 19 de maio). A arte «é um movimento de ascensão» que estará sempre «próximo do espírito religioso», afirma Rui Chafes. Acedido a 1 de julho de 2020, no Web site do: Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura: https://www.snpcultura.org/arte_e_um_movimento_de_ascensao_diz_rui_chafes.html;

Meneses, P. (2011). Recuperação do romantismo como material em Nuno Júdice e Rui Chafes. Em: E. Ribeiro (ed.). *Envolvimento e clímax. Do entre das artes* [e-Book]. Acedido a 7 de maio de 2021, em https://www.academia.edu/12567933/Recupera%C3%A7%C3%A3o_do_Romantismo_como_material_em_Nuno_J%C3%ADdice_e_Rui_Chafes;

Murra, C. (2014). *O conceito de contemporâneo e as reflexões sobre arte e estética de Rui Chafes*. Dissertação de Mestrado em Filosofia. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Lisboa. 58 pp. Acedido a 7 de maio de 2021, em <https://run.unl.pt/handle/10362/14336>;

Nascimento, H. (2017). *Espaços de arte e silêncio: Rui Chafes, Pedro Calapez e Bernardo Sassatti*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura. Faculdade de Artes, Universidade Lusíada. Lisboa. Acedido a 7 de maio de 2021, em <https://repositorio.ul.pt/handle.net/11067/3580>;

Rato, V. (2011). *Rui Chafes: Traços do antigo da contemporaneidade*. Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação. Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa. Lisboa. 74 pp. Acedido a 7 de maio de 2021, em <https://run.unl.pt/handle/10362/7345>;

Rui Chafes [Web site]. Acedido a 1 de julho de 2020: <https://ruichafes.net/index.html>;

Rui Chafes. Acedido a 1 de julho de 2020, no Web site da: Galeria Filomena Soares: <http://gfilomenasoares.com/rui-chafes>;

Quintais, L. (2016). Vazio, colapso da forma. *Convergência Lusíada*, **27 (35)**: 64-68. Acedido a 7 de maio de 2021, em <https://convergencialusíada.com.br/rcl/article/view/6>;

Quintela, A.C. (2016). *A suspensão do tempo na escultura de Rui Chafes*. Dissertação de Mestrado em Escultura. Faculdade de Belas-Artes, Universidade de Lisboa. Lisboa. 201 pp. Acedido a 7 de maio de 2021, em <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/24116>;

Serra, R. (2021). Esferas suspensas – Entrevista a Rui Chafes. *Revista Estúdio, Artistas sobre Outras Obras*, **5 (10)**: 178-184. Acedido a 7 de maio de 2021, em https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/19857/2/ULFBA_est%C3%ADdio10_p178-184.pdf;

Verdi, L. (2020, 29 de fevereiro). Rumo ao amor, dia 5: Companheiros de viagem. Acedido a 1 de julho de 2020, no Web site do: Secretariado Nacional da Pastoral da Cultura: https://www.snpcultura.org/companheiros_de_viagem.html.

Audiovisual

Aguiar, P. e Matos, L. (2009). *Durante o fim: um percurso* [Vídeo]. Youtube. Acedido a 1 de julho de 2020, em: <https://www.youtube.com/watch?v=Nc92SAmqyfs>;

Grilo, J.M. (2014). *Viagem aos confins de um sítio onde nunca estive* [Vídeo]. Youtube. Acedido a 1 de julho de 2020, em: <https://www.youtube.com/watch?v=DFBtkFTLONI>;

Smarthistory. (2016, 16 de dezembro). *Bernini, Apollo and Daphne* [Vídeo]. Youtube. Acedido a 1 de julho de 2020, em: <https://www.youtube.com/watch?v=bdnPdZMZ9PU>;

Trabulo, J. (Realizador). (2004). *Durante o fim* [Filme]. Contracosta Produções.